LENDAS DO INTERIOR

CONTOS E POEMAS

RAFAEL BOTTER
Organizador

ORGANIZADOR

RAFAEL BOTTER

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-00-84929-5
2023
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

EVANGELHO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO SEGUNDO... VOCÊ SABE QUEM, POR AMINTAS ANGEL CARDOSO SANTOS SILVA, PÁG. 05
CASCAVÉIS, POR ANA CECÍLIA MOREIRA ELIAS, PÁG. 08
A NOITE EM QUE VI UM LOBISOMEM, POR BRUNO LIMA, PÁG. 10
RENASCIMENTO, POR CÉLIO AZEVEDO, PÁG. 14
A MAIOR LENDA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 18
MISTÉRIOS E SEGREDOS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 20
O VÃO, POR THEODORA DE CASTRO, PÁG. 22
CASÓRIO EM ANTA GORDA, POR WALDIR LEITE ROQUE, PÁG. 27
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 31

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

LENDAS DO INTERIOR

LENDAS DO INTERIOR

APRESENTAMOS O CONTO

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo Segundo... Você Sabe Quem

Por Amintas Angel Cardoso Santos Silva

Aminthas Angel é diplomata e artista. Primogênito de casal de professores, nasceu em Salvador da Bahia, em 1977. Estudou nos tradicionais conventos das Ursulinas, participou do Coral ACBEU e do Grupo "Somos América", em que interpretava canções e poemas, originalmente, escritos em castelhano. Formou-se em Psicologia. Ora, serve na Suécia, como adido cultural. Em 2015, lançou o CD "Aminthas Angel", com canções autorais. Musicou poemas de Clóris Ribeiro, Jean Tahrun e Vanessa Dourado. Dedica-se, também, à literatura, com obras publicadas no Brasil e na França. Gravou adaptação para quarteto de cordas de parte da Sinfonia "Bem-Vindo", que escreveu em homenagem a seu falecido Pai.

Mistérios da Meia Noite. Noite demais escura. Negrume filho do medo da noite preta, que, em sua escuridão, mais do que profunda, traz o lume que reluzirá, na jornada vindoura, o dia. Vinha do trabalho. Sozinho. Lua nova. Árvores, a Lua e... Passou debaixo de duas muito grandes mangueiras, cujas copas se entrelaçavam, acima do bem e do mal. Dossel de sombras multidimensionais. Portão. Mangueiras abrindo portal para outro donde.

"...E a terra tremeu, (tremeu, tremeu, tremeu, tremeu)

O céu mudou de cor!..."

Transe na terra, no vermelho barro que não mais se enxergava. Sombra? Medo? Tudo, nada, alguma cousa ou cousa alguma? Mangueiras abrindo e fechando cortinas. Sentiu calafrio. Mangueiras alimentando todo mundo.

Naquela terra, havia lobisomem emérito. As portas apareciam arranhadas. Era o bicho querendo entrar e comer criancinha, além do mais, era Guerra-Fria. Tempo de trovoada, manga caindo. Ouviu gemido.

— Uhhhhhhhhhhhhhhh...

Alguém querendo conversas. Ficou todo arrepiado, que nem pele de galinha. As coisas falam e têm lugar, vêm e vão, desta realidade para uma outra e vise — versa. Física quântica. Basta!!! Longo murmúrio. É somente sair um pouquinho dos sentidos que as coisas começam a andar num Sambatango desassombrado! Gozadoras entidades, especialmente, você sabe quem, né? Chega!!! Barba Rala voltou pra casa correndo, tropeçando, todo esbaforido, afobado, olhos esbugalhados, botando os bofes pra fora!

Ocorre que sentido lamento ele ouviu. Era Barba Rala homem de coragem ele, mas... Viu alguma coisa, sentiu que tinha que picar a mula e bem depressa! Tinha coragem muita de trabalhar e de ajudar a mãe a criar os irmãozinhos e de a si mesmo terminar de se criar, mas seu coração não contentou. Viu e ouviu pessoa. Aspecto. Dor profunda de alguém preso, há muito, entre este mundo e os outros que existem. Espanto. Espectro. Plangência e pranto saídos do ventre mesmo da terra. Contou tudo ao, em casa, acudir. Visagem! E não era Lua cheia e não era vento norte que traz espírito.

Foi deitar-se impressionado. Impressionado todo mundo ficou! Visagem que vem dar aviso a quem ouvir sabe, a quem escutar pode.

Senhora Soberana o escutava com bastante atenção, como que pitonisa, o escutava. Nunca tinha visto seu primogênito naquele estado. Os irmãos, também, o interpretavam, especialmente o do meio, Aquele de Sagrado Nome, que era médium. Valei-nos nossa Santa Rita dos Impossíveis! Que terá previsto o irmão?

Era público e notório que Barba Rala, quando criança, correu de avião. Viu aquele pássaro gigante e barulhento pairar, ameaçador, sobre sua cabeça, sobre a cidade. Teve medo. Fugiu, criança que era, para o abrigo de Maria Homem, outro nome de sua mãe. Que teria ele imaginado? Foi Zepelim? Aquele caso do choro suspirado era diferente coisa. Almas. Minhas irmãs. Vindas do mesmo lugar, da mesma ou de outra família. Penas há. E hão de se acabar, num dia de luz, não tão distante. Todas as agruras do tempo e do espaço já muito as haveis sofrido, minha gente boa de Portão! Minha gente!

— Uhhhhhhhhhhhhhh...

E a energia querendo se liberar. Cansada de guerra tanta e tamanha. Nossos demônios a nos perseguir e a nos enfraquecer. Abri a porta para que as forças demoníacas saiam e voltem a ser o que eram, energia neutra, que nos deve servir.

LENDAS DO INTERIOR

APRESENTAMOS O CONTO

Cascavéis

Por Ana Cecília Moreira Elias

Ana Cecília Moreira Elias é natural de Três Ranchos-GO, neta de benzedeira. Possui graduação, especialização e mestrado em História pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Tem 34 anos. Experiência de trabalho como professora de História e Educadora Social.

Os olhos de Pedro brilharam ante a majestosa beleza; Pedro comprou uma fazenda: riacho de águas diáfanas e belas formações rochosas.

Pedro estava paralisado, parecia que o sangue não corria mais em suas veias...

Quantas cascavéis haviam em suas novas terras, disto ele não sabia!

Ao longe, alguém se aproximou...

Ana Pérola, que chegou soberana, cabelos lisos, longos, pretos, a pele cor de jambo... veio das águas doces, da cachoeira...

É benzedeira, aprendeu com a sua avó... ela benze as cobras...

As cascavéis foram embora, não estão mais nas terras de Pedro.

Ao longe, uma voz chama pelo nome:

— Ana Pérola! Acorde! Está na hora do seu remédio.

Ao abrir os olhos, ela olha no espelho que fica no corredor, e novamente vê a Placa, “Hospital Público Psiquiátrico Santa Madalena de Canossa”.

Pérola olha com profundidade nos olhos da enfermeira e diz: — Eu tive um sonho, neste devaneio me lembrei quem sou, não preciso mais destes remédios, irei embora daqui!

Antes que a enfermeira pudesse responder, Maria Valentina, coordenadora geral do hospital, aproximou, adentrou o quarto:

— A paciente recebeu alta, sua avó veio buscá-la e se responsabilizou por ela.

Quando chegou ao final do corredor, próximo da porta de saída, Ana Pérola ficou com os olhos marejados. Sua avó, Amália, lhe segurou fortemente pelos ombros e lhe disse:

— Não irei mais permitir que silenciem as nossas vozes, e que abafem as nossas crenças e o nosso poder, não somos loucas! Somos benzedeiras; benzemos mau-olhado, quebrante, espinhela caída, cobreiro... para mulher que não consegue emprenhar, nós fazemos garrafada, sem demora o útero fica limpo e o rebento vem. De planta venenosa, sabemos extrair o remédio, manejamos *beladona* para curar machucados com inflamações. E, nunca se esqueça, até cobras mandamos ir embora! Cobra coral, jararacas, jaracuçu... e, as cascavéis!

LENDAS DO INTERIOR

APRESENTAMOS O CONTO

A noite em que vi um lobisomem

Por Bruno Lima

Bruno Lima é alagoano, cursa Letras - Português na Universidade Federal de Alagoas e escreve desde muito jovem, sendo seus primeiros escritos, poemas, mas sentiu uma maior predileção aos contos e escreve sobre temas variados.

Sob o manto sombrio da noite, minha jornada se desenrolava pela estrada medonha, onde a lua cheia lançava sua luz traiçoeira, pintando o cenário em tons de prata sombria. A ironia do destino me colocara no caminho na noite mais luminosa do ciclo lunar, fazendo com que a luminosidade cruel da lua cheia aumentasse o terror ao invés de dissipá-lo. A cada passo, meu coração pulsava em uma batida irregular, um tambor acelerado da ansiedade, que se mesclava ao som dos grilos, orquestrando um triste e ameaçador concerto noturno.

Afiando meus sentidos, eu seguia com meu fiel e peludo guia, Elefante, conhecido de maneira mais informal como "Lefante". Cada uma das orelhas pontiagudas dele permanecia alerta, girando como radares sombrios para capturar cada vestígio do desconhecido. Seus olhos cintilavam com uma inteligência atávica, como se a antiga sabedoria dos cães tivesse sido evocada naquela noite enigmática. Nossa peregrinação noturna seguia adiante, eu com meu ânimo encurralado pelo pavor, uma mão de gelo apertando meu coração, e Lefante, sempre alerta, suas orelhas pontiagudas e olhos atentos capturando cada sombria sugestão do ar.

O objetivo que me impulsionava era o doce alívio de alcançar minha casa, um santuário que prometia respiro para meu coração acelerado e para as sombras que dançavam inquietas em minha alma. Cada farfalhar das folhas, cada roçar do vento nas cercas, insinuava figuras ameaçadoras, dedos gelados que rastejavam pela espinha. Nessas ocasiões, minha mão instintivamente buscava Lefante, o calor reconfortante de sua pelagem dissipando momentaneamente meu terror. Enquanto eu inspirava seu odor familiar e animal, o mundo parecia recuperar um fragmento de sanidade, ainda que fugaz. E Lefante, respondendo a meus gestos, permanecia em posição de alerta, suas orelhas rígidas e uma postura tensa que comunicava prontidão.

O limiar de minha amada casa estava próximo, faltavam aproximadamente duzentos metros para reunir-me com minha mãe e irmã, o abraço de segurança aguardando-me como um farol na tormenta. Meu pai, ausente naquele momento, desdobrava-se nas negociações de gado, muitas vezes partindo sob o manto negro da madrugada para comercializar suas mercadorias por diversos rincões, buscando sustento para a família. Minha mãe, a guardiã do lar, ocupava-se dos cuidados comigo e com meus dois irmãos. No jogo das posições fraternais, eu ocupava o posto central, oscilando entre a proteção e a

necessidade de ser protegido. A visita aos avós na vila vizinha sempre representava um bálsamo para a alma, uma pausa do mundo assustador que se estendia além dos limites conhecidos.

Retornando ao ponto de partida, minha visita aos avós havia se alongado, levando-me a repousar sob o teto deles, onde histórias de tempos antigos e espíritos vagantes povoavam os sonhos noturnos. Contudo, o compromisso matinal permanecia, e o relógio biológico despertou-me antes que o sol delineasse o horizonte. Erroneamente, confundi a noite com o início da madrugada e, nesse erro fatal, fiz minha decisão. As histórias macabras que cercavam a estrada ressurgiram como sombras que emergem das profundezas, mas meu estado de espírito era incapaz de lidar com tal sombra, apenas compreendendo sua extensão ao cruzar o marco de trevas conhecido como o "toco preto", uma árvore morta que diziam ser um refúgio de espíritos atormentados, uma passagem sombria entre mundos.

Tendo delineado o cenário, é natural que sintam a crescente tensão daquela fatídica jornada, como uma música dissonante que se intensifica a cada compasso. Minha casa estava próxima, mas o destino traria um desafio indescritível. Das trevas emergiu uma figura, algo que parecia um cão distorcido por sombras e pesadelos, sua forma ondulando como um devaneio de medo. Presas afiadas brilhavam como punhais à luz da lua, gotejando de uma promessa sinistra. E os olhos, ah, os olhos, faiscavam como rubis incandescentes, um brilho carmesim que hipnotizava e aterrorizava. Os olhos pareciam portais para um abismo sem fim, repletos de um mal que se agitava como chamas sob um vento impiedoso. Um grito primal de pânico irrompeu de minha garganta, e minhas palavras foram lançadas ao vento, numa súplica desesperada:

— Lefante, pegue, Lefante!

O ar escapava de meus pulmões em uma desesperada corrida pela sobrevivência, minha casa à vista, tão próxima e tão distante ao mesmo tempo. Cada batida de meu coração retumbava em meus ouvidos como um tambor de guerra, ecoando os passos frenéticos que gritavam pela poeira na terra batida. Meus músculos protestavam, queimando sob o esforço titânico, mas a ameaça bestial era implacável, suas passadas ritmadas soavam como tambores demoníacos em meus ouvidos. A cerca alta que se erguia entre minha segurança e a besta que me perseguia parecia quase intransponível, mas o instinto agiu como um fio condutor da sobrevivência e eu a transpus, a dor sendo

ignorada pelo impulso primordial de proteção. O mundo se obscureceu, a memória esgarçando-se como uma cortina de fumaça que lentamente se dissipava. Minhas mãos contra a porta do quintal, um tamborilar frenético e suplicante que ressoava como um último apelo ao destino.

— Mãe, abra a porta, mãe, ele vai me pegar!

O coração galopava em meu peito, uma besta furiosa que parecia querer escapar, meu hálito rápido e descompassado formava nuvens de vapor no ar gélido. Minha mãe, a figura que personificava a proteção em meu mundo, rompeu a barreira da porta, empunhando a espingarda que meu pai mantinha carregada, um relicário de medos ancestrais. Seus olhos, faíscas de preocupação, varreram o cenário noturno, buscando indícios da ameaça que eu descrevera com uma urgência quase insana. As sombras dançavam em seu rosto, sombras que eram projeções daquelas que povoavam minha mente atormentada, e ela tentou em vão enxergar além do visível. A noite se mantinha inerte, silente, como se a própria escuridão se deleitasse com o temor que nos envolvia.

Nenhum espectro se manifestou naquele momento, o intruso da noite havia se retirado para as sombras que o trouxeram. A besta misteriosa, com olhos flamejantes e presas que prometiam devorar a luz e a esperança, havia retornado ao reino das lendas e dos pesadelos. Ainda assim, ela acreditou em minha história, pois em um passado impregnado de superstições e temores ancestrais, as criaturas da noite eram muito reais, e o lobisomem era mais do que uma sombra na imaginação, era uma entidade que caminhava entre nós, como um lobo feroz envolto em pele humana.

LENDAS DO INTERIOR

APRESENTAMOS O CONTO

Renascimento

Por Célio Azevedo

Célio Azevedo é formado em Comunicação Social e Filosofia. Também concluiu os MBAs em Gestão de Marketing, em Gestão de Negócios, além de pós-graduação em Docência do Ensino Superior, passando pelas universidades UCAM, UGF, UNESA, UNICSUL e UFSC. Seu site oficial é www.celioazevedo.com

Jornalista, filósofo, músico, produtor e escritor, sendo autor de diversos livros e publicações. Natural do Rio de Janeiro, é versado nas áreas de TI, filosofia, direito, ciência política, comunicação social, astronomia/cosmologia e astrofísica.

Na pacata cidade de São Miguel, em Minas Gerais, vivia uma jovem chamada Sofia. Ela carregava consigo um fardo de angústias e tristezas que parecia nunca diminuir. Todas as noites, era atormentada por sonhos obscuros e aterrorizantes que refletiam sua dor interna.

Numa noite bucólica e nublada, Sofia se viu em um pesadelo terrível. Encontrou-se suspensa sobre a antiga Ponte do Abismo, um local sombrio e assustador na periferia da cidade, à beira de um precipício. Um sentimento de desespero tomou conta de seu coração e, sem hesitar, ela se lançou no vazio.

Sofia despencou em meio à escuridão, e o cenário ao seu redor transformou-se em um pesadelo ainda mais assustador. Criaturas horrendas e grotescas a cercavam, rasgando sua pele e causando dor indescritível. As chamas infernais a envolviam, queimando sua alma em agonia constante.

No meio daquela tortura, Sofia avistou uma figura sinistra que se destacava entre as criaturas. Era o próprio diabo, seu olhar malicioso acompanhado de um sorriso sádico. Ele sussurrava em seu ouvido, expondo seus segredos mais profundos, revelando cada fraqueza e erro que cometera.

No entanto, algo dentro de Sofia começou a mudar. Uma coragem até então desconhecida surgiu em seu coração, e ela decidiu que não seria dominada por aquele péssimo sonho. Com determinação, enfrentou o diabo, desafiando-o com ousadia. Ela logo percebeu que o poder dele estava limitado, aprisionado por correntes invisíveis, e seu controle sobre ela não passava de uma ilusão.

A voz de Sofia ecoou pelo inferno em que estava, ao proclamar que ela estava ao lado do Criador, da verdade e da luz, recusando-se a ser controlada pelo pai da mentira. Determinada, ela se recusou a ser arrastada novamente pelos demônios. Nesse momento, algo surpreendente ocorreu. Seu pai, que há anos havia partido deste mundo, apareceu ao seu lado. Com sua presença amorosa e protetora, ele a ajudou a escapar daquele tormento e a retornar em segurança.

Quando Sofia finalmente despertou, encontrou-se de volta ao seu quarto, olhando para o teto familiar de sua casa em São Miguel. Ela percebeu que aquilo não era apenas

um sonho, mas sim uma mensagem de que precisava enfrentá-lo. Questionava por que aquele demônio continuava a assombrá-la, mesmo depois de acordada.

Com firmeza, Sofia fechou os olhos novamente, enfrentando o diabo interior que a atormentava. Ela estava decidida a não permitir que seus pecados a consumissem. Com coragem, expulsou aquela influência negativa de sua mente, rejeitando-a com convicção.

Finalmente, como se fosse uma sombra dissipada pela luz da aurora, o diabo desapareceu. Uma sensação de paz profunda envolveu Sofia, e ela entendeu que tinha o poder interior para enfrentar suas angústias e superar suas tristezas. A experiência do pesadelo a ensinara que a coragem e a determinação eram suas armas mais poderosas.

Com o passar dos dias, Sofia começou a se reerguer em São Miguel. Ela se comprometeu a buscar ajuda, compartilhar seus sentimentos com amigos íntimos e familiares, e procurar o aconselhamento dos sábios da cidade. Descobriu que não estava sozinha em sua jornada e que muitos estavam dispostos a oferecer uma mão amiga para ajudá-la a superar suas dificuldades.

Sofia também se envolveu em atividades que lhe traziam alegria e significado. Explorou suas paixões, como a arte e a música, encontrando maneiras de expressar suas emoções de maneira saudável. A cada passo em direção à cura, fortaleceu sua resiliência e sua determinação em construir uma vida melhor para si mesma.

Com o tempo, a dor que a havia sufocado começou a diminuir. Embora não tenha desaparecido completamente, Sofia aprendeu a conviver com ela, transformando-a em uma força impulsionadora para seu crescimento pessoal. Ela se tornou um exemplo de superação e inspiração para os moradores da cidade, compartilhando sua história de luta e esperança.

Seu pesadelo que antes a atormentava transformou-se em uma ferramenta de transformação. Sofia nunca mais foi assombrada pelo diabo interior que a perturbava. Em vez disso, usou sua experiência para se fortalecer e ajudar os outros a encontrarem a luz em meio às suas próprias escuridões.

E assim, a história de Sofia continuou a ser contada nas praças da cidade, servindo de lembrete de que, mesmo nas circunstâncias mais sombrias, sempre há a possibilidade

de encontrar esperança, coragem e a força para enfrentar até os pesadelos mais profundos da alma.

LENDAS DO INTERIOR

APRESENTAMOS O CONTO

A Maior Lenda

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Eu devia ter uns 9 a 10 anos de idade e morava com a minha família numa pequena cidade do interior deste grande país.

Não me lembro bem se sonhava frequentemente com o futuro. Acho que só vagamente.

Naquela época, o sonho das meninas, como eu, era o de ser professora e/ou "casar bem". Casar bem para uma menina pobre ou "remediada" — como dizia a minha mãe — era casar com um rapaz abastado, preferencialmente de família dona de várias fazendas, fazendas que eram o símbolo da máxima riqueza na nossa restrita realidade.

Fiquei então sabendo daquela personagem única que aparentemente morava sozinha (ou com os pais) numa ótima casa localizada na esquina da rua de baixo da praça que estendia em frente à nossa casa — rua que fazia um ângulo reto com a nossa.

Diziam que aquela pessoa cursara advocacia, ganhava muito dinheiro através de uma ótima clientela e que viajava frequentemente pelo mundo afora. Deveria ter em torno de 40 anos de idade e era muito discreta e de uma elegância austera. E era motivo de admiração e até inveja por grande parte da vizinhança. Possivelmente, por todos que a tinham conhecido. Para mim, não era diferente.

Eu às vezes só pensava como era possível chegar aquele patamar de sucesso, independência e liberdade! Era na verdade um sonho lúcido.

Fazendo agora uma guinada de 180 graus para o tema, há mais de 50 anos atrás, as lendas populares assustavam-me muito.

Eram contadas nas rodas de crianças logo após o jantar, o que as tornava mais tenebrosas. Algumas delas eram de tirar-me o fôlego e consequentemente o sono, como a da Mula Sem Cabeça e a do Lobisomem.

Mas hoje reconheço que aquela pessoa que morava na casa da esquina, perto da minha, foi para mim, uma lenda com "L" maiúsculo. Não pelo poder de assustar mas por ser uma mistura de sonho e mistério, e posteriormente, uma inspiração, porque acima de tudo e de incontestável importância, ela era mulher. Uma grande mulher!

E foi a maior lenda da minha infância.

LENDAS DO INTERIOR

APRESENTAMOS O POEMA

Mistérios e Segredos

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Com o habitual desligar do real,
em propósitos inteligíveis,
remotamente textualizados...
indevidamente trabalhados,
mergulhar.

A mente, o andar
do viver, governa...
Mas biológicos mistérios,
acumulados e cativos nos genes
da evolutiva formação,
na limitada memória, embebidos.

Enigmas... muitos... de um
passado desconhecido,
a capitanear e gerar sensações
e novos obrigatórios segredos...

E o contínuo buscar
da imaginada completude
em meio a obscuras impressões...
E incompreensíveis desejos.

LENDAS DO INTERIOR

APRESENTAMOS O CONTO

O vão

Por Theodora de Castro

Theodora de Castro é um pseudônimo de Lara Denise Góes da Costa. Professora do Programa de pó-graduação em Segurança Internacional, pesquisadora na área de Direitos Humanos, crimes transnacionais, migrações e inseguranças globais. Atualmente pesquisadora de pós-doutorado Sênior do CNPq.

Contaram certa vez a estória de um elevador que demorava mais de três minutos para chegar até o quarto andar. Estes casos que nunca sabemos se é verdade ou não até ter um testemunho mais próximo. Como chegou a mim, repasso a vocês. Diz que um tal Moacyr, sujeito magro, baixo, comerciante da região e morador de Santa Aroeira do Sul soube por terceiros que no prédio da frente da catedral gótica da Cidade aconteciam coisas estranhas, sobrenaturais. Disseram que ali funcionava uma universidade e que todos estudavam de dia, porque à noite, barulhos inusitados ocorriam em determinado vão entre os andarem, onde funcionava um elevador.

Diziam também que este elevador demorava mais de três minutos para subir apenas quatro andares e que à medida que ia subindo, o barulho se tornava mais alto e dali quem se arriscou a pegar tal elevador, não foi mais visto. Moacyr teria achado graça de tal história, típica de interior, mas afirmaram com a devida certeza que ali, algumas dezenas de anos antes, teria funcionado um orfanato para freiras e posteriormente eram levados soldados desertores e que aquele vão teria sido uma espécie de prisão. Daí a razão para os barulhos noturnos no edifício.

Com tal história na cabeça, Moacyr resolveu ir até o prédio para solucionar o enigma, já que achava que estas crendices populares eram perniciosas para a cidade e assustavam possíveis estudantes, turistas e o comércio local. Moacyr então se preparou para ir até o prédio e fez questão de ir de noite e não de dia, mesmo sua mulher tentando o dissuadir de tal empreitada inconsequente. Dizia ela que ele não tinha mais o que fazer se preocupando com estas coisas e que era melhor não mexer com o que não se conhece. Mas Moacyr estava determinado a colocar um ponto final nesta estória e saiu de noitinha em direção ao endereço que falaram.

Era uma praça em formato circular onde um prédio acinzentado de quatro andares se prostrava diante da catedral da cidade, que embora grandiosa, era ofuscada pelo prédio retangular de janelas encardidas que estava à sua frente. Saltou do carro parado na pracinha e se pôs a caminhar em direção à entrada principal do edifício. Tinha uma escadaria fina alaranjada, com degraus pouco esparsados e com pequenas fissões no piso. Ao adentrar no prédio, Moacyr notou as duas pilastras cilíndricas que sustentavam a fachada grandiosa e pensou que se não fosse a cor cinza triste do prédio estas histórias não existiriam.

Badalavam os sinos dezoito horas no relógio da catedral quando Moacyr perguntou ao porteiro que se encontrava sentado à porta do edifício se era verdade o que diziam sobre o vão entre os andares. Ao que o porteiro respondeu que nunca havia visto ninguém sair do vão. Moacyr entendeu então que não havia qualquer coisa de sobrenatural naquele prédio. Se podia interpretar a fala do porteiro de forma diferente, isso passou rápido pela sua cabeça, e resoluto, seguiu a empreitada de descobrir que vão era este. Não via a hora de contar o grande feito para seus amigos e vizinhos.

Ao entrar no elevador, reparou na luz amarela que iluminava fracamente o ambiente e tambem nos botões gastos, que para ele, se explicariam pelo uso contínuo dos estudantes que entravam e saíam todos os dias. À luz fraca, Moacyr imaginou que a companhia de eletricidade fazia pouco pela cidade ou que a universidade estaria economizando demais em luz. Para tudo, Moacyr tinha uma explicação racional ou econômica e seus amigos admiravam sua sagacidade para enfrentar as crises nos negócios.

Entrou no elevador sem hesitar e apertou o botão do quarto andar, na certeza de que chegaria em pouco tempo ao seu destino e desmascararia a tal crendice popular. Primeiro não ouvia nada, nem o elevador se mexendo. Parecia que estava parado no mesmo lugar. Apertou então o botão do terceiro andar também, caso o quarto andar demorasse demais. A luz interna do elevador oscilava um pouco, mas Moacyr não tinha medo. Ouviu então um barulho de chaves abrindo portas e uma porta se fechando. A luz do elevador então apagou por dois segundos, levando Moacyr a um sobressalto. Um barulho de copo caindo no chão e novamente silêncio. Nada do elevador chegar a lugar nenhum.

Até este momento, mesmo após o susto, Moacyr se manteve firme que aqueles barulhos tinham uma explicação razoável. Não imaginava o que estava por vir.

Primeiro foram sussurros e Moacyr esfregou os olhos, bateu em seu próprio rosto, incrédulo do que ouvia. Respondeu aos murmúrios, perguntando se alguém estava ali. Uma voz respondeu "*me tira daqui!" "me leva, me leva..."* Moacyr não podia crer no que ouvia, então decidiu perguntar de novo quem estava ali, como foi parar ali, mas ouvia vozes desconexas, um barulho de porta fechando e abrindo seguidamente e sussurros, às vezes risos. O tempo parecia não passar e o elevador não chegava em lugar nenhum. Não sabia quanto tempo já estava no elevador. Pensou "disseram que era três minutos até o quarto andar", então já devia estar chegando.

A luz do elevador começou a ficar trêmula e de repente o elevador parou. Moacyr sentiu um pronto alívio, aguardando ansiosamente a porta se abrir, mas a porta não se abriu. Tentou forçar a porta, mas o elevador começou a subir de novo. "*Deve ser o terceiro andar, então está chegando ao quarto*", pensou. Enquanto o elevador não parecia se mexer, Moacyr refletia porque decidiu entrar nessa empreitada, devia ter ouvido sua mulher, não ganharia nada com isso e começou a pensar que na volta desceria de escada. Mas como poderia contar o feito aos seus amigos? Ia passar vergonha, tinha que ter algo para contar e que mantivesse suas convicções.

Agora as vozes ficaram mais próximas e Moacyr pode ouvir claramente duas pessoas conversando. Moacyr decidiu pedir ajuda, falou que estava no elevador, que queria saber como fazer para sair dele. Uma das vozes respondeu que não havia elevador no prédio e que uma vez no vão, não conseguiria sair mais. O desespero tomou conta de Moacyr, que começou a bater na porta gritando por socorro, gritava pela sua vida, pedia socorro, mas as duas vozes só riam e gritavam mais alto que ele, zombavam e gritavam suas frases de pânico.

Não queria acreditar naquelas vozes, não podia ser possível, havia de ter uma explicação, percebeu que não tinha nenhum controle sobre o elevador e nem sobre sua vida e começou a rezar e a gritar simultaneamente.

"*Socorro!" "Alguém, por favor!" "Sou eu, Moacyr!" Estou aqui no elevador!*" *"Me tirem daqui!" "Meu Deus, me ajude, sou eu, Moacyr".* Mas as vozes repetiam cada frase, aos risos, em escárnio ao medo e ao terror que Moacyr experimentava. Uma voz surge e diz diretamente a Moacyr: *"Não vai sair!" "Vai ficar aqui conosco." "Não voltará mais*". A voz tenebrosa fez o estômago de Moacyr revirar, seu coração batia tão alto que podia escutá-lo em seu ouvido. Foi então que sentiu seu corpo esmorecer, como se de repente estivesse mais pesado, enquanto sua cabeça sustentava o rodar da vertigem, até cair no chão.

De manhã, Dona Eulália, coordenadora da universidade chegou cedo ao prédio e ao adentrar a entrada principal, encontra o corpo de Moacyr do lado de fora do elevador. Uma correria se deu para todos os lados a chamar ambulância, polícia e bombeiros pois ninguém sabia o que havia ocorrido. Moacyr repetia frases desconexas, falava das vozes que escutou e não deixava ninguém falar perto dele que gritava sem parar. Dizia ele que o porteiro falou que ninguém saía do vão e que havia pessoas no vão. Seus amigos foram visitá-lo no hospital e não podiam acreditar que viam Moacyr tão debilitado.

Informaram a Moacyr que não havia porteiro no prédio da universidade e que não havia vão nenhum, que aquilo era estória do interior, lenda urbana. Moacyr passou a ser medicado, pois não parava de ouvir as vozes e passou a acreditar que estava dentro do vão. Moacyr hoje se encontra internado no hospital psiquiátrico de Santa Aroeira do Sul, sob intensa medicação. Quem quiser conhecê-lo, o horário de visita é diariamente entre às dezesseis e dezessete horas, no terceiro andar. O hospital fica ao lado do prédio da universidade.

LENDAS DO INTERIOR

APRESENTAMOS O CONTO

Casório em Anta Gorda

Por Waldir Leite Roque

Waldir Leite Roque nasceu em João Pessoa, onde formou-se em Física, em 1978. Fez mestrado, doutorado e pós-doutorado na área de Matemática Aplicada e Computacional. Trabalhou como docente e pesquisador em várias Universidades Brasileiras, é autor, tradutor, organizador de livros técnicos, publicou diversos artigos científicos e mais de uma centena de crônicas e artigos de opinião, publicados em jornais, revistas e sites na internet. Na feira do livro de Porto Alegre (2022), lançou os livros Cavalgadas Aparados da Serra – Memórias, Fatos, Fotos e Causos, e Conto em Contos.

Os preparativos para o casório estavam caminhando a todo vapor. Elisa e Beto, muito felizes, tinham enviados os convites e a festa estava programada. A comemoração seria logo após o casamento no salão da paróquia São Carlos em Anta Gorda, município no Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul.

Elisa convidou a parentada e as amigas, para o grande dia, que seria num sábado, no final da primavera. Na sexta-feira antes do casamento, o tempo estava feio. Não se tinha meios tecnológicos e de informação que fizessem uma previsão sobre o tempo no sábado. Os pais dos noivos acreditavam que teriam tempo bom e todos na pequena Anta Gorda também achavam o mesmo.

Um índio velho, que morava em uma pequena tapera fora da cidade, era conhecido por prever o tempo, coisa que tinha aprendido com os seus ancestrais. Beto foi até lá consultá-lo. Chegando, encontrou-o sentado no tronco de um pinheiro fumando um cachimbo longo com fumo de rolo, que ele mesmo produzia.

Beto, aproximando-se, nem cumprimentou o índio velho, foi logo perguntando:

— Ôh índio, amanhã será um dia chuvoso ou não?

O velho não olhou para Beto e disse:

— Tarde vivente! Depende, das formigas.

Beto ficou sem entender e disse:

— Mas o que as formigas têm a ver com o tempo para amanhã?

— Seu moço, são elas que indicam se pode ou não chover. Se logo cedo elas não saírem para cortar folhas e voltarem com elas para a morada, é quase certo que teremos chuvas no dia.

— Então amanhã cedo eu peço a alguém para vir aqui e o senhor diz como estão as formigas.

O índio conhecedor olhou bem para Beto e respondeu:

— Seu moço, se elas saírem e de repente se agitarem para retornar ao ninho, largando pra trás tudo que já cortaram é porque vamos ter chuva muito forte.

Beto franziu as sobrancelhas em tom de preocupação, mas não deu muito crédito ao que o índio velho tinha dito. Deixou com ele um pacote de erva-mate em agradecimento e bateu em retirada. De volta à cidade, procurou o irmão e disse que havia estado na tapera do índio e que amanhã bem cedo ele fosse até lá verificar como estavam as formigas e voltasse com a previsão do tempo.

Beto não disse nada a Elisa. O matrimônio estava programado para as onze horas na paróquia. O sábado amanheceu com o sol entre nuvens. Os preparativos continuaram e alguns parentes já estavam na cidade. Uns vieram das cidades vizinhas, especialmente as amigas Mariana e Salena, que residiam em Paraí. Mariana seria uma das madrinhas de casamento. Elisa e ela eram amigas de longa data.

Alfredo, irmão de Beto, foi no alvorecer até a tapera e o índio disse que as formigas estavam muito agitadas retornando para o ninho sem as folhas. Disse também que as águas do arroio Zeferino estavam subindo muito rapidamente, sinal que havia chovido bastante nas regiões da cabeceira.

Ao retornar, na charrete, Alfredo notou que o nível do arroio estava bem elevado na ponte de madeira na entrada da cidade. Mas ainda não chovia. Lá pelas dez horas o tempo virou de vez e uma chuva violenta caiu sobre Anta Gorda. Era água a cântaros, pra todo lado, e o arroio transbordou sobre a única ponte que dava acesso à igreja.

Mariana e Salena, com os familiares, estavam vindo de rural e quando chegaram na ponte encontraram Beto e a família desesperados porque a água havia coberto tudo, impedindo a passagem de qualquer veículo. A noiva, mesmo com toda a chuvarada estava na igreja esperando o noivo, quando a avisaram que a ponte estava intransitável e que Beto estava preso do outro lado, juntamente com a madrinha Mariana e convidados.

Elisa não pensou duas vezes. Pegou o padre pelo braço e quem mais estava na igreja, e foram em direção à ponte. A chuva caia forte e chegaram lá ensopados. O véu e a grinalda de flores estavam colados sobre o rosto e cabelo. A borda do vestido estava preta de tanto arrastar no chão com lama. Avistou, do outro lado, o noivo, que imediatamente saiu do jeep Willys. Vendo a noiva naquela situação ficou feliz e preocupado. O padre, embora de guarda-chuva, para não permanecer por muito tempo naquela chuvarada, resolveu fazer o casamento ali mesmo, com os noivos separados pelo Zeferino.

Mariana, madrinha, com os cabelos e vestido encharcados ficou ao lado do noivo. De repente, todos veem uma canoa descendo as águas do arroio; era o índio velho que estava dentro dela. Ele amarrou uma corda entre as margens, ligando Beto a Elisa. O elo se formou, e todos aplaudiram o Guarani, que nem tinha sido convidado para o casório. Foi assim que todos puderam atravessar e comemorar, em grande estilo, o almoço oferecido pelo casal.

Elisa e Beto estavam radiantes e agradecidos ao índio velho, que estava sentado em uma posição de destaque no salão da paróquia. Enquanto isso, dona Gertrudes, mãe

da noiva, passava distribuindo doses de pinga com guaco para todo mundo. Assim, a *dança da vida* teve a sua continuidade.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA

TENHA ACESSO AOS TÍTULOS DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**